



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**AMOR, ENCONTRO E DESENCONTRO: UMA LEITURA DO CONTO “A
ESTRUTURA DA BOLHA DE SABÃO”, DE LYGIA FAGUNDES TELLES**

KARLA MORGÂNIA DA SILVA LINS

**CATOLÉ DO ROCHA – PB
2014**

KARLA MORGÂNIA DA SILVA LINS

**AMOR, ENCONTRO E DESENCONTRO: UMA LEITURA DO CONTO “A
ESTRUTURA DA BOLHA DE SABÃO”, DE LYGIA FAGUNDES TELLES**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Departamento de Letras
e Humanidades-CCHA/CAMPUS IV da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito para obtenção do grau
de Licenciatura em Letras.

Orientadora: Profa. Msc. Maria Fernandes
de Andrade Praxedes

**CATOLÉ DO ROCHA – PB
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

L759a Lins, Karla Morgânia da Silva.

Amor, encontro e desencontro [manuscrito] : uma leitura do conto "A estrutura da bolha de sabão", de Lygia Fagundes Telles / Karla Morgânia da Silva Lins. - 2014.

31 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2014.

"Orientação: Profa. Msc. Maria Fernandes de Andrade Praxedes, Departamento de Letras e Humanidades".

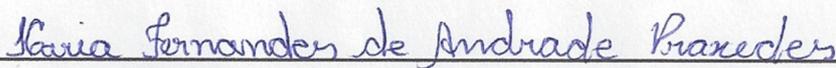
1. Amor. 2. Falta. 3. Finitude. 4. Adiamento. I. Título.

21. ed. CDD B869.3

KARLA MORGÂNIA DA SILVA LINS

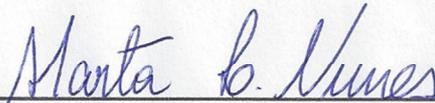
**AMOR, ENCONTRO E DESENCONTRO: UMA LEITURA DO CONTO “A
ESTRUTURA DA BOLHA DE SABÃO”, DE LYGIA FAGUNDES TELLES**

BANCA EXAMINADORA



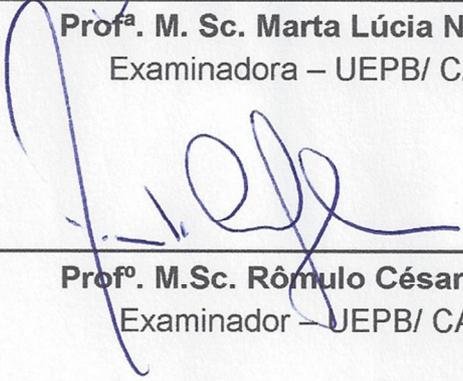
Prof^a M. Sc. Maria Fernandes de Andrade Praxedes

Orientadora – UEPB/CAMPUS IV



Prof^a M. Sc. Marta Lúcia Nunes

Examinadora – UEPB/ CAMPUS IV


Prof^o M.Sc. Rômulo César Araújo Lima

Examinador – UEPB/ CAMPUS IV

APROVADA EM: 24 de fevereiro de 2014.

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2014

Ao meu Deus, pelas suas misericórdias derramadas sobre minha vida, à minha mãe e ao meu pai, pessoas humildes, mas que de forma arguciosa me conduziram sempre pelos os caminhos certos do saber, por estarem sempre lutando, orando e me apoiando no processo de todo este curso, por terem instruído e formado a mulher que sou hoje e me conduzido acima de tudo para o alvo certo da minha vida – Jesus Cristo.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer atribuir honras na construção deste trabalho ao meu Deus, por sua misericórdia, fidelidade e amor derramados constantemente em minha vida, por ter me conduzido e me guiado sendo acima de tudo o meu maior orientador, pois sem Ele nada poderia fazer, pois como na sua palavra diz todas quantas promessas há de Deus, é nele sim, e por ele o Amém, para glória de Deus por nós.

Agradeço a Universidade Estadual da Paraíba, a qual me proporcionou um conhecimento com maior abertura, no que diz respeito, ao meu desenvolvimento como um sujeito mais crítico e reflexivo.

Com grande carinho agradeço também a todo corpo docente da academia de letras, que cooperaram para toda a minha formação acadêmica. Não poderia deixar de agradecer à minha Orientadora Maria Fernandes de Andrade Praxedes por toda colaboração, acuidade e competência mostrados em todo decorrer do meu curso, gerando assim em mim a admiração e confiança para finalização deste percurso, do qual a mesma efetuou com muita paciência e carinho. Aos professores Marta Lúcia Nunes, Rômulo César, Maria Aparecida, Andréia Costa, Evandil Galdino, Auríbio Farias, Benedita Arnaud, por terem sido instrumentos canalizadores de conhecimento para toda minha construção como sujeito crítico de mundo, a vocês minha eterna gratidão.

Agradeço a todo quadro de funcionários eficientes do campus IV da UEPB, que de forma assídua auxiliava todo o alunado. Agradeço em especial, ao querido e amigo Neto, que com muita paciência e carinho estava sempre disposto a nos ajudar, nos dando apoio e contribuições para vida, sendo exemplo a ser seguido por todos.

A minha querida família, por todo apoio, força e empreendimento ao longo dos anos. A minha querida e batalhadora mãe Eurismar, pelo seu amor e dedicação aos filhos, ao meu querido pai Nelson César, por ser um exemplo a ser seguido pelos filhos, visto como um homem íntegro e trabalhador que sempre priorizou a família, aos meus irmãos Nelson Júnior e Micael Lins, pelo apoio e colaboração, ao meu sobrinho Isaque Lins, pelos os momentos de descontração e risos, a minha cunhada Flaviana pelas orações levantadas.

A todos os colegas da amada e inesquecível turma 2009.2, da qual vivenciei momentos engraçados, emocionantes e marcantes, sendo a maioria destes passados

no corredor e no “sofazinho”. A vocês, em especial Poliana, Livanildo, Rafaela, Michele, Patrícia, Maria José, Edivânia, Vanéria e Ana Maria agradeço de todo coração a amizade e alegria que me proporcionaram; em passar esses três anos e meio ao lado de vocês levarei comigo aquelas brincadeiras, os aperreios, as risadas, não há como descrever a emoção de todos aqueles momentos que passamos, momentos que levarei guardado comigo para sempre.

Enfim, até aqui nós caminhamos juntos a minha eterna saudade e ao mesmo tempo esperança de um provável reencontro, fica aqui o meu desejo de coração que as nossas despedidas possam se tornar um dia nossos reencontros.

“(...) nem sólida nem líquida, nem realidade nem sonho. Película e oco.”

LygiaFagundes Telles

AMOR, ENCONTRO E DESENCONTRO: UMA LEITURA DO CONTO “A ESTRUTURA DA BOLHA DE SABÃO”, DE LYGIA FAGUNDES TELLES

LINS, Karla Morgânia da Silva. UEPB – Campus IV

PRAXEDES, Maria Fernandes de Andrade. UEPB – Campus IV

RESUMO

Este trabalho apresenta uma leitura do conto “A estrutura da bolha de sabão” presente no livro de coletânea “Pomba enamorada ou uma história de amor” (1999), da escritora contemporânea Lygia Fagundes Telles. A narrativa se constitui a partir de inúmeras temáticas das quais destacamos alguns aspectos acerca do amor, do encontro, do desencontro e do simbólico, este é revelado por meio de metáforas e conceitos tácitos que vão sendo construídos à medida em que os sentidos não evidentes vão se personificando em sentidos evidentes. A partir destas discussões, o trabalho, de caráter bibliográfico, tem como objetivo discutir aspectos relevantes dentro das categorias supracitadas: como o amor sob forma de falta baseado em uma não concretização e o amor como idealização do objeto. Reflete também sobre o encontro dentro de uma perspectiva de defrontamento, como também o desencontro sob aspecto de finitude. Para estas abordagens temos como aporte teórico concepções de Ferreira (2004) tratando de teorias relacionadas ao amor, Paes (1998) o qual enfatiza definições sobre encontro e desencontro e por fim Régis (1998) discutindo sobre a densidade do aparente em Lygia Fagundes Telles.

Palavras-chave: Amor. Falta. Finitude. Adiamento.

ABSTRACT

The present work intends to perform a reading of the short story "the structure of the soap bubble" present in the compilation book "Dove in love or a love story (1999), contemporary novelist LygiaFagundesTelles. The narrative is from numerous themes of which we highlight some aspects about love, the encounter, the mismatch and the symbolic, this is revealed through metaphors and tacit concepts ranging being built as the senses not evident will be personifying in clear directions. From these discussions, the work of bibliographical character, aims to discuss relevant aspects within the above-mentioned categories: like love in the form of missing based on non-fulfilment and love as idealization of the object. We will reflect also on the date within a perspective of postponement, as also the mismatch under aspect of finitude. For these approaches as theoretical conceptions of supply terms Ferreira (2004) dealing with theories related to love, Paes (1998) which emphasizes settings on date and mismatch and finally Régis (1998) discussing the apparent density in LygiaFagundesTelles.

Keywords: Love. Lack. Finitude. Postponement.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	9
1.	ASPECTOS HISTÓRICOS E LITERÁRIOS EM LYGIA FAGUNDES TELLES	10
2.	A REPRESENTAÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS EM OBRAS LYGIANAS	13
3.	O AMOR COMO FALTA	16
	3.1 O amor como idealização do objeto	18
4.	ENCONTROS PARA O DESENCONTRO	19
	4.1 O desencontro como finitude	23
5	O CARÁTER SIMBÓLICO EM “A ESTRUTURA DA BOLHA DE SABÃO”	25
	5.1 “Nem sólida, nem líquida nem realidade nem sonho. Película e oco”: A bolha, o amor e o Físico	27
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
	REFERÊNCIAS	31

INTRODUÇÃO

Elucidando ou atribuindo as emoções com a força da palavra, Lygia Fagundes Telles elaborou um formato para criar um “mundo” em que os limites entre o simbólico e o real se confundem e se aproximam nas dimensões do possível e do impossível. Esta “possibilidade” nós atribuímos de encontro com o irreal e esta “impossibilidade” de encontro com o real, encontros estes que sempre fogem, mas não impede sua contínua busca.

Assim, a construção deste trabalho começa com um encontro chamado amor, sabendo que este está no plano real, pois o mesmo está designado à falta, e esta sempre se introduz pela impossibilidade. A construção do amor nesta pesquisa aborda uma perspectiva diferenciada referente aos moldes com que está atribuído na maioria das vezes. O amor não traz a possibilidade de felicidade plena aos amantes, pois de acordo com Freud (1972) as pessoas quando amam não podem desejar, sendo isto também atribuído ao desejo, pois não se pode desejar e amar ao mesmo tempo. Desta forma a análise está embasada não no objeto do amor, mas sim no objeto do desejo pela idealização deste objeto, traremos como aporte teórico para esta categoria algumas considerações de *A teoria do amor*, de Nadiá P. Ferreira, devendo esclarecer que tais considerações não se distenderão em um sentido amplo de psicanálise, mas que trará algumas contribuições de sentido para definição de amor presente no conto com sentido de idealização.

Buscamos refletir sobre o encontro e o desencontro no conto, tendo por embasamento o ensaio “Ao encontro dos desencontros”, de José Paulo Paes e por fim as contribuições de Sônia Régis para detrimento dos aspectos simbólicos presentes em “A estrutura da bolha de sabão”.

Sob estas perspectivas tentamos transpor a distância entre os significados do conto “A estrutura da bolha de sabão”, pelo menos que por uma parte, ou seja, reduzida a este olhar aqui esboçado à toda uma série de significados enquanto substitutos destes.

1. ASPECTOS HISTÓRICOS E LITERÁRIOS EM LYGIA FAGUNDES TELLES

Lygia Fagundes Telles exerce um papel fundamental no cenário literário desde o século XX até o dia de hoje. A autora acompanhou e acompanha diversas transformações no quadro histórico e cultural do país, seu contexto não é simplesmente ou genericamente um projeto ficcional, mas é profundamente contestador captado por um olhar social, em seu exercício institucional literário, do qual não é só consciente, mas dotado de uma desarranjosa coerência.

A autora se situa na terceira fase do modernismo, que inicia em 1945. A chamada geração de 45 praticava a arte literária numa constante pesquisa artística, refletida pelo cuidado formal e estético, comprometida entre a arte e realidade, a obra e a vida social, voltando-se à uma nova forma de pensar, oriunda de uma juventude ativa e contestante, tudo isso exercido através do poder da palavra.

Diante disto, pode-se dizer que este período – a terceira fase do modernismo – é marcado pela influência de grandes mentes que queriam algo novo, que tendiam mudar, na tomada de consciência em uma ideia simples, mas com um valor eficaz, que se fecundou em uma proposta de renovação estética e geriu-se num pensamento crítico reflexivo. Em relação a esse posicionamento de controle, censura estética e moral, Veloso e Madeira (1999) assinalam que:

Aqueles intelectuais, imbuídos que estavam de um sentido de missão, capazes de transformar a sensibilidade estética e, ao mesmo tempo, promover transformações institucionais para a organização da cultura. A atitude moderna assumida por eles implicava manter uma postura de compromisso social em que a identidade do artista estivesse assentada, não só no aprofundamento da expressão da subjetividade, mas também no engajamento no mundo imanente, precário e complexo da vida social. (1999,p.93)

A partir disto, pode-se inferir que os modernistas da terceira fase, iam além de uma mera reprodução artística literária, visto que se inseriam à realidade como sujeitos ativos e participantes em todo o processo social, atribuindo e contribuindo de forma eficaz a toda uma reminiscência perturbadora.

Assim, ao adentrar nos aspectos recorrentes desse período, visualizam-se, numa ressonância, as características ou reflexos fundamentais no processo de criação literária lygiana. Esta, vinculada, sobretudo na complexidade em que se situa atualmente o homem - em seu estado insolúvel - gerencia suas obras numa

coletânea de elementos catalisadores, traduzindo uma forte sensibilidade artística em relação ao mundo e o homem em seu contexto, capaz de captar por olhar certo e perscrutador os devaneios do mundo externo como reflexos do mundo interno. A esse respeito Lamas(2004) enfatiza:

Impressiona o detalhamento, como se a escritora se movimentasse com uma sonda perscrutadora em atenção aos detalhes de todas as coisas – tangíveis e concretas ou intangíveis e abstratas- como se elas fossem transparentes a seu olhar. Ela percebe o avesso, chamando o leitor para lhe fazer companhia (2004 p.7).

Com efeito, a escrita lygiana trouxe uma renovação notória à produção literária, manifestando assim sua posição única em apresentar suas obras.

A produção literária de Lygia é cheia de possibilidades, pode-se dizer que Telles não possui uma doutrina cristalizada no tempo ou no espaço, cria seres ficcionais, dotados de uma vida psicológica, traçando seus perfis, de dentro para fora, numa chamada introspecção, ou seja, os acontecimentos e as personagens da narrativa são sempre vistos através da interioridade. José Paulo Paes (1998, p. 72), em seu ensaio “Ao encontro dos desencontros”, ao falar a respeito desta introspecção afirma que a mesma é que “Jean Pouillon chama de visão ‘com’, isto é, os acontecimentos e as demais personagens da narrativa são sempre vistos através da interioridade de uma personagem central”.

Diante disto, pode-se dizer que não é frequente em Lygia Fagundes Telles, momentos de pura objetividade em que a projeção das personagens se faz por descrição e não por introspecção, pois como enfatiza Paes (1998,p.73)“não é, pois, o foco narrativo que adentra a interioridade das personagens; esta é que se exterioriza de modo próprio”.

Outra característica abordada em Lygia Fagundes Telles, segundo José Paulo Paes, (1998, p.70) é o desencontro,há neste termo, segundo o autor um sentido evidente de adiamento, quando não de frustração, da concretização ou resolução do problema.

Telles também condensa aspectos como metáfora e o símbolo, a autora, segundo Paes (1998, p.75) faz recorrências a tais fatores não fora das situações narrativas, mas agencia-os dentro delas mesmos.O autor afirma que “não se trata, pois, de adornos de linguagens, mas de imagens em abismos ou sínteses miniaturais das linhas de forças da ação dramática, cujos significados, vêm ampliar comum

leque de conotações”. Assim evidenciam-se nas obras da autora um jeito de compactuar os sentidos, de sinalizar e de condensar a imagem em seu sentido subjetivo.

Esta apreciação decorre de uma prática artística alternativa à tradicional, trazendo consigo caráter absurdo e fantástico, impondo uma dimensão característica e emblemática ao simbólico, mas que ao mesmo tempo lhes confere um realismo singular. Assim constata-se que o papel dos símbolos é uma forma de exigir do leitor uma leitura atenta e perscrutadora, Telles não delega os fatos de forma clara, o leitor tem que estar atento, aos enigmas/chaves, dos quais protagonizam uma denúncia, canalizando a instigação da verdade. A mesma é sinalizada por uma escrita imagética, fixando-se a um universo onírico e simbólico representados em suas obras como signos filtrados, numa analogia que traz por pano de fundo sempre alguma revelação.

Assim, os elementos usados em suas temáticas, nada mais são que adereços ou vetores, dos quais são tidos como formas de comunicação simbólica, pelo qual é preciso abstrair seu caráter emblemático para se chegar a um sentido real da subjetividade existente.

Pode-se dizer que os textos de Telles possuem um valor específico, é preciso compreender a linha a que se segue, a fim de penetrar no seu significado, sendo uma de suas marcas ocultar para revelar melhor, mas ao mesmo tempo esse revelar só se chega a completitude de uma incógnita. Sônia Régis defende em um dos seus ensaios “A densidade do Aparente” o seguinte:

Cativados pelos processos narrativos de Lygia Fagundes Telles, vamos em busca do que está atrás da palavra, mesmo sabendo que o signo apenas encarna uma forma. Insatisfeitos, queremos o sentido, intriga-nos esse universo concebido de forma tão perfeita, que nos garante uma vivência tão concreta e, em seguida, nos lança no abismo das incertezas. Como pode ser tão densa a aparência da palavra? (1998,p.86)

Lygia Fagundes Telles lança seus primeiros livros no período de 1940, fazendo parte de seu grupo os poetas- João Cabral de Melo Neto e Lêdolfo, e também os escritores ficcionistas João Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Fernando Sabino e Luiz Cardoso, assinalando seu projeto ficcional na visada introspecção, incentivada pelo então pensador francês Jean-Paul Sartre.

Em detrimento a isto, chama-se a atenção para alguns temas abordados nas obras que assinalaram este período, que seriam as questões psicológicas, relevantes a prosa introspectiva, com o romance e o conto intimista, a relação homem/ mulher e a decadência da burguesia.

Assim, Telles está aberta a este viés, seu enfoque é urbanointimista e psicológico, os objetos, os cheiros, as coisas e as pessoas em Lygia Fagundes Telles o que importa unicamente é o acesso ao mundo interior.

As obras lygianas, mesclam razão e emoção, apontam os conflitos do homem com o mundo como a loucura, presente no conto “A testemunha”; os desencontros nas relações amorosas, presente, por exemplo, no conto “A estrutura da bolha de sabão” (EBS)¹, cuja união do Físico e sua ex-“amante” não se concretizam; a solidão, o abandono e o preconceito, presente nos contos “A medalha”, “O Espartilho” entre outros. Telles, além de se preocupar com os aspectos conflituosos, se voltatambém, para as incógnitas, os enigmas, vistos assim no seu primeiro conto que abre o livro “A Medalha” que narra a inusitada cena da protagonista amarrando o gato. Influenciada por Clarice Lispector e Hilda Hest, Telles também aborda o cósmico, o erótico e o fantástico vistos nos contos “A confissão de Leontina” e “A Caçada”.

Assim nos deparamos com o universo ficcional de Lygia Fagundes Telles, ou melhor dizendo, universo quase real, da qual a mesma intenciona e muda o pensamento a sua maneira, utilizando-se de um desvinculado e hermenêutico estado de linguagem para se expressar e moldar sua tela ficcional de uma forma densa e rígida, mas que ao mesmo tempo, faz diluir-se a alma em seu estado.

2. REPRESENTAÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS EM OBRAS LYGIANAS

Lygia Fagundes Telles sempre buscou ressaltar em sua produção literária a representação da mulher, perfilando e refletindo como ocorrem as experiências femininas na sociedade.

Telles, como antes dito se insere em um novo cenário literário - o modernismo - em que as representações femininas são gerenciadas a maioria das

¹ (EBS) Estrutura da bolha de sabão

vezes por traduzir os conflitos interiores, como a crise, o medo, o desejo, a dúvida e até mesmo a morte.

Nos enredos arquitetados pela autora, as personagens femininas vivem na maioria das vezes relações afetivas desvirtuadamente. As relações amorosas tecidas por ela gerenciam toda a problematização da sociedade contemporânea, mostrando esses valores de forma intimista e subjetiva, daí suas obras adjacentes com outras autoras como Clarice Lispector. A leitura feminista de Telles possui elementos carregados de complexidade e uma acentuada e misteriosa fragilidade com que fluem os relacionamentos, sobrepostos de insegurança e também desejos desordenados. Desse modo, suas personagens, sobretudo as femininas, submetem-se a um desejo frustrado, e a um sofrimento irreparável. Fábio Lucas assinala a forma com que a escritora paulista gerencia suas personagens:

Lygia Fagundes Telles tem a arte de construir situações humanas, principalmente amorosas, plenas de expectativas, mas quase sempre atingidas de modo dramático pelo desencontro. Há um determinismo cruel em condenar as suas criaturas ao insucesso (1999, p. 13).

Essa característica, ou seja, instalar situações humanas, se adentra à alguns conceitos que de certa forma estão na representação das personagens femininas. Rufino (2007) faz uma leitura da obra lygiana e afirma que a escrita desta se concretiza na insolubilidade ou frustração com que são impostas as relações amorosas, pois sua escrita é representante das relações humanas, e seus contos deflagram em metáforas e por elas o leitor é convocado a desvendar o interior das personagens, onde quase sempre se deparará com um final dramático para as relações amorosas.

Há uma desconstrução no estilo caracterizador de Telles sobre os sujeitos femininos de sua obra. Estes anseiam o outro ser amado, a unidade que tentam de uma forma ou de outra a concretização para o seu amor. Isto pode ser visto em “A estrutura da bolha de sabão”, onde a ex-“amante” se coloca numa situação densa na tentativa de captar e traduzir os irrealizados sentimentos atuais do Físico por ela, chegando apenas em uma incógnita. Diante muitas vezes de uma não aceitação para o fim, esses desencontros produzem nos amantes sombras de inquietação devido a esses sentimentos serem efêmeros e ilusórios, colaborando para um desconforto e uma incerteza existencial. Em detrimento a isto gerencia nos

personagens lygianas algumas formas de amor, faces de desordem, de insucesso e fracasso.

Em “As meninas” (1973), em cuja criação a autora opta por mostrar a maneira como cada menina sentia, vivia e também via o mundo, se estabelece nessa obra um diálogo crítico com o social daquela época.

Na obra “Ciranda de pedra” (1954), é caracterizado pela problemática, que se assinala sobre as personagens femininas, da qual através do poder das vozes das mulheres, imputavam possibilidades de reflexão e análise sobre as figura da mulher na sociedade, refletindo assim uma inovada face do perfilou representação feminina. Assim, o papel da mulher nessa obra é desmistificado tendo em vista que estas não se encontram dentro das normas estabelecidas pelo contexto sociológico da época.

Assim, percebe-se o quanto é recorrente nas obras de Lygia Fagundes Telles e o quanto a mesma é envolvida de forma intensa com os fatos que envolvem a questão social do feminino. Esse aspecto da escritora enquadra-se no que Candido (1970), ressalta a respeito do papel do escritor, como indivíduo quenão está apenas no plano de elucidar sua personalidade, mas um sujeito capaz exercer o papel social, colaborando assim com as judiciosas expectativas do leitor. Em completitude a isto o mesmo assinala em seu livro Literatura e sociedade (2000) que:

[...] Fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o externo (no caso o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno. (2000, p.4)

Desta forma Lygia Fagundes Telles assume o papel ambivalente, do externo se tornando interno, ou seja, há um atrelamento lógico - do contexto para o texto apresentando-se sob forma de transcendente o mundo ficcional tornando uma espécie de espelho social. Assim sua obra, está fundamentada, sobretudo, na transposição da realidade para o plano literário, unificados, formando um todo indissolúvel.

3 O AMOR COMO FALTA

Neste contexto, o amor sob forma de falta, revela não propriamente a ausência de um plano físico, mas está ressignificado, sobretudo, à uma falta que incorpora uma perspectiva subjetiva/ psíquica, ou seja, da aspiração de um amor-falta, para um amor que não acontece. Desta forma esta pregação de amor como falta se efetua não apenas em momentos sucessivos de falta, mas esta se coloca numa duração contínua.

De acordo com Ferreira (2004, P.7), antes mesmo da psicanálise ser inaugurada por Freud os filósofos já se indagavam sobre a origem e finalidade do amor. A priori, na literatura ocidental do século XII, o discurso do amor está ligado “a dor”, ao “sofrimento” como também à “promessa de felicidade”. Aqueles “pelos quais eram acutilados pelas setas de Eros ficavam a favor da “ventura” e “desventura”, da “boa” e da “má sorte”, da “fortuna” e do “infortúnio”. Entretanto, todos esses obstáculos e embaces, não atribuíram ao homem relutar ou renegar de que o amor é a chave para o homem encontrar a felicidade. De antemão, mesmo não desvendando o que seria tal felicidade, as histórias amorosas possuíam o desfecho de “morte dos amantes”, ou a célebre frase “foram felizes para sempre”.

O amor sempre foi um dos temas mais recorrentes na literatura, e isto é atribuído porque o mesmo é uma questão que nunca se consume e nem se exaure embora se japermanentemente retomado, conservar-se inconcluso, acessível sempre à possibilidade de novas modificações. Assim, a construção do amor ergue-se como ponto de uma identidade própria, e esse se instaura num registro complexo de atuação, pois faz reféns, imobiliza e transforma o sujeito a sua maneira subjetiva de ser, desta forma leva-se a um plágio baldio, qualquer consignaçoão deste, para um plano objetivo e lógico.

Tradicionalmente, ou na maioria das vezes é chavão o amor se instaurar num plano, na qual sua construção se dá sob forma gradativa e realizável, entretanto não se tem isto por regra absoluta ou doutrinária, as vezes este pode ir sendo contrariado, e não bem ocorrido, consignando apenas em uma não realização.

Em “A estrutura da bolha de sabão” Lygia Fagundes Telles, canaliza bem essa abertura, através de uma configuração de pensamento atual e investigativo, traz neste núcleo, o que antes era visto de forma romantizado para o homem, tradicionalmente inquestionável, agora é visto de forma plausível de discussão.

O conto traz consigo uma história um tanto peculiar: trata-se do reencontro de uma paixão não concretizada no passado, entre uma mulher e um Físico, este, estuda a estrutura da bolha de sabão e já se encontra casado no momento do reencontro.

A trama do conto inicia-se com a personagem narradora, mas precisamente uma figura feminina, narrando algumas lembranças de sua infância a qual se passam ao lado do físico. O enredo além de trazer acontecimentos vividos no passado pelos personagens montam cenas já atuais, encontros, estes, não mais entre duas pessoas, mas uma tríade, construindo um cenário envolto de mistérios, ciúmes e amor.

Escalar os caminhos do amor neste conto significa perceber o quanto a realidade é urdida por Telles numa perspectiva intimista. O amor, não traz a possibilidade do encontro ou da união. Isto se convencionou através de fatores externos e internos em que o freio da moral é rechaçado numa luta de impossibilidades e estas impossibilidades se revelam atraentes neste jogo do amor sob forma de falta. Assim o amor no conto se evidencia sob forma de desejo, e desejar segundo Ferreira “é lamentar o que falta”, a partir disto entra essa invenção do amor “como finalidade de suprir essa falta”(2004,p.13).

Ferreira (2004, p.13), assinala que “a falta foi introduzida pela lei, sob forma de proibição”, assim em “A estrutura da bolha de sabão”, o amor está associado a essa proibição. O amor da ex-“amante” pelo Físico, coloca em cena o desejo relacionado à falta. Segundo a narrativa lygiana, trata-se de um “amor de transparências condenado à ruptura” (EBS, p.147) este amor é ameaçado e condenado pela própria vida. O amor sob forma de falta, não exulta de forma duradoura, pelo contrário, está sempre sobreposto por obstáculos que o mundo, o espaço e tempo lhe assentam.

Assim, diante disto, evidencia-se uma beleza singular para as leis do amor, pois tudo que pode ser proibido-falta (simbólico) e não realizado, tudo que pode deflagrar o possível, são intrinsecamente estimulantes, pois estes são urdidas num plano real - impossível. Neste caso, a não realização do amor aponta para uma não fundição, mas uma procura constante. Sobre esse aspecto, Sócrates apud Sponville (1945, p.253), afirma que o amor “embora seja o maior de todos está destinado à falta” e “a incompletude é seu destino, pois a falta é sua definição”.

A partir disto percebe-se que no conto a representação do amor se mostra sob forma de falta, não só para aex- “amante”, mas também para o físico e sua atual esposa, pois de acordo com Ferreira “o amor não elimina a falta”, estafaz parte do “aparelho psíquico” (p.11). Percebe-se que no atual contexto contemporâneo ainda se vivencia uma idealização do amor para uma existência plena de significados, entretanto há também nesse uma desconstrução para uma possível concretização da felicidade.

Refletindo sobre o texto “Mal-estar da civilização”, de Freud (1930), Ferreira ressalta que o homem está fadado a esta falta e ao desconforto existente nas fontes que seriam “a degradação do corpo, a morte, as exigências imperativas” entre outras, e que as “religiões os ideais da revolução”, sobretudo, o amor fazem parte das aspirações ou “ilusões” para transformar o mundo, mas que ao mesmo tempo não impede este de buscar “toda verdade em nome do amor” (p.11).

Assim, a falta está presente em todos os personagens, pois estes, mesmo tendo a ideia de que o amor é a chave de se encontrar a felicidade, não as têm, pois esta está sob a forma de falta, a felicidade não é plena para eles.

3.10 amor como idealizaçãodo objeto

A impossibilidade de se ter tudo se afirma para o homem a algo enigmático e sedutor. Esse representante “tudo” está ligado a algo que este o queira (objeto), e esse representante “impossível”, possui uma cadeia de significados, cujos caracteres se amparam ou sustém em sofrimentos, interdições, ou um anseio não concretizado e que as vezes, é transgressivo e adventício à lei. Esses elementos naturalmente intencionam o homem para uma busca, do qual o mesmo tenta mover-se para sua satisfação plena, esta busca está cominada não tanto pelo prolongamento dessa satisfação, mas por causa da impossibilidade de atingi-la. Essa impossibilidade se identifica mais uma vez como falta – falta do objeto.

Essa versão – falta do objeto – irá residir no conto “A estrutura da bolha de sabão” como função de idealização e não como sublimação, ou seja, ama-se o objeto e o objeto está destinado à falta.

De acordo com Ferreira (2004, p.10), amar coloca em cheque dois lugares que são os de “sujeito (amante)” e “objeto (amado)”. O amante torna-se aquele que lhe opõe a ideia da falta de algo. O amado coloca – se no lugar em que se sabe que

tem alguma coisa tornando-o especial para o outro. Entretanto há uma ideia paradoxal, pois a falta que está vinculada ao amante é justamente o que o amado também não tem que é exatamente o “objeto do desejo”. Assim, Ferreira assinala a este fato a quebra do mito do amor, pois neste “o amor é a procura do todo e amar é sinônimo de se unir e de se confundir com o amado”. Nisto, carrega-se certa idealização do “objeto do amor” como “alma gêmea”.

Nesta perspectiva, pode-se dizer que o Físico assume a posição de “objeto (amado)” e idealizado e a ex - “amante” de “sujeito (amante)”, pois há a falta dela por algo, embora não se saiba que falta é essa, se esta falta está associada à perda de quando não ter mais aquilo que ela tinha, estando num plano maior: o que ela não tem passa a se conceder o ter de outra pessoa. O físico assume o papel de “objeto” (amado), pois sabe que tem algo, mesmo sem saber o que é este algo, ele não sofre e sofre a perda, eis o paradoxal, ele ainda a tem como admirante, como amante, entretanto ambos não se têm como “objeto do desejo”. Nesse sentido, o impossível se encarna sob a forma de falta.

A priori, percebe-se que no conto existe uma certa idealização do objeto (Físico) e não do amor propriamente como pode ser visto neste trecho: “Mas como é que alguém um homem como ele um Físico que estuda a estrutura da bolha de sabão podia amar uma mulher assim” (EBS, p.147) se evidencia a partir desta leitura uma idealização, através do qual as qualidades ou atributos do Físico são exacerbados levando o mesmo a se tornar fonte de todos os bens.

Há uma idealização do objeto do desejo, um objeto de desejo que por sinal não existe, pois para Ferreira (2004, p.11) se existisse “conduziria à felicidade”, e assim “nada absolutamente nada faltaria” entretanto como “o objeto não há o desejo não pode ser realizado” e assim o homem é fadado a ser “desejante e amar na lógica do não – todo”.

4 ENCONTROS PARA O DESENCONTRO

Se fosse possível nomear a jornada da vida, poderia se dizer que esta é uma constante movimentação flexível e dinâmica e que tudo que se corporifica a estes caracteres começam sempre com um encontro. A vida do homem é marcada por encontros e desencontros e estes, nem sempre estão coesos de uma forma intrínseca e complexa.

Entretanto, aqui, encontra-se evidência no registro do desejo pelo objeto, associado ou identificado enquanto símbolo da falta, ou seja, daquilo que poderia ter se realizado e não se efetuiu, e o desencontro está caracterizado, sobretudo, como ruptura definitiva.

Esta despersonalização na leitura de “A Estrutura da bolha de sabão”, vai se introduzir em dois momentos fundamentais: o primeiro é como se emergem esses contínuos encontros e o segundo e mais radical efeito como se dá esse desencontro. Desta forma, se evidencia no encontro do Físico com sua ex-“amante”, a constituição de uma lembrança para reafirmar ou conduzir a busca do que não se tem.

Nessa busca pelo impossível, que aqui se evidencia como falta, encontros acontecem, e este primeiro encontro se dá com o seu passado:

Importante era o quintal da minha meninice com seus verdes canudos de mamoeiro quando cortava os mais tenros, que sopravam as bolas maiores, mais perfeitas. Uma de cada vez. Amor calculado porque na efabulação o sopro desencadeava o processo e um delírio de cachos escorriam pelo canudo e vinham rebentar na minha boca, a espuma descendo pelo queixo, molhando o peito. Então eu jogava longe canudo e caneca, para começar no dia seguinte, sim, as bolhas de sabão. (EBS, p 146.)

Pode-se inferir que este primeiro encontro vislumbra não o acontecido, mas como o sujeito viveu o que aconteceu, e isto vai se inscrevendo num plano com realidade criadora dos anseios atuais de ambos os sujeitos. O retorno ao passado denota a matéria dos fatos já ocorridos e a solidez com que se firma este amor, podendo-se perceber que a história se efetiva no curso da consciência que sobre a personagem se dobra, volta-se o passado como contraponto que ilumina a situação presente, assim o passado da personagem é coo-determinante da situação atual.

Esse encontro está lá, filtrado numa lente de representações e emoções, estabelecendo atrelamentos os quais são evidentemente para sua satisfação e construção. Assim tal encontro, estar sob a forma de compreender o que foi vivido, estando oponente ao que não foi durado, pois um tempo que permanece entre o atual e o passado, ressurgiu viciado pelas sensações e sentimentos de um “eu” do qual não é mais o que viveu, mas o que rememora o vivido.

Amor calculado, por que na afobação o soprodesencadeava o processo e um delírio de cachos escorria pelo canudo e vinha rebentar na minha boca, a espumadescendo pelo queixo. Molhando o peito então eu jogava longe canudo e caneca para recomeçar no dia seguinte, sim, as bolhas de sabão.(EBS, p. 146.)

Nesse sentido, observa-se um encontro que fez laços, mas que ao mesmo tempo se faz transitório, marcado pela experiência enquanto criança, da qual se torna marca indelével que posteriormente vai desencadear no gozo de reencontrar o objeto alienado e perdido dessa tão íntima experiência originária.

José Paulo Paes em seu ensaio “Ao encontro dos desencontros”, conjuga a nomenclatura encontro a uma “ação de convergência e defrontamento de pessoas vindas de direções diversas”(1998. p.70), de antemão propõe-se pelo encontro a resolução de determinado assunto ou então ratificar o contrassenso de resolvê-lo.

Assim esse defrontamento entre o Físico, sua esposa e sua ex- “amante” revela ou propicia aos mesmos serem os mentores de sua própria situação problemática, os quais tem de avir-se, tendo esse defrontamento, de acordo com o autor, sempre sentido positivo deixando transparecer os significados de “resolver”, “confirmar” e “avir-se” (p.70). Dessa forma, o encontro de ambos está paralelo, situado aos sentimentos atuais e passado, abordando a ambivalência da resolução, ou seja, tal resolução não se chega à uma finitude de sucesso para os “amantes”, há uma aderência à causa, entretanto não se configura ao encanto de “foram felizes para sempre”.

O uso ambivalente entre encontro e desencontro, dramatiza-se de modo que o real (encontro) é subjugado pelo subjetivo (desencontro). O encontro reflete a vida, as experiências passadas, o apego pelo objeto, enquanto que o desencontro reflete-se como substituto das experiências perdidas como pode ser evidenciado nesta passagem: “Uma antiga amizade? Uma antiga amizade. Ah. Fomos colegas? Não, nos conhecemos numa praia, onde? Por aí, numa praia” (p.147e148). Assim, nesse processo, o passado imediato está mais em movimentado que mesmo o presente, não deixando de influenciar o presente, eis a lógica do encontro no conto em análise.

Essa contingência é uma pré-condição para a realidade inacessível dos “amantes”: Noutra ocasião a gente poderia se ver, de acordo? Sim noutra ocasião, é lógico. “Na rua ele pensou em me beijar de leve, como sempre, mas ficou desamparado e eu o tranquilizei, está bem, querido, está tudo bem, já

entendi”(EBS, p.148).O encontro se mostra mais uma vez como a inacessibilidade de ambos se terem de forma plena.

A temática de encontro e desencontro no conto desenha por se próprio como real e realidade.Nessa leitura, se faz notória uma peculiaridade da qual não se deve excluir e sim elucidar,ou seja, vive-se mais pelo o que se viveu do que pelo o que está sendo vivido. O passado atrelado com o presente implica numa dimensão atemporal. “O segundo encontro foi num exposição de pintura. No começo aquela cordialidade. A boca pródiga. Ele me puxou para ver um quadro de que tinha gostado muito. Quando voltamos, os olhos já estavam reduzidos a dois riscos.” (EBS, p.149). Nesse sentido se faz presente um jogo de movimento e indefinição, há uma transição constante de que tais encontros estão pré- determinados a não concretização tendo em vista que encontro não se dá apenas entre duas pessoas e sim três, gerando neste jogo do amor a impossibilidade.

Ao percorrer a narrativa vê-se que encontro e desencontro se exteriorizam sob formas indefinidas, numa metamorfose de sensações paradoxais, como pode ser visto neste trecho“e seu gesto delgado de envolvimento e fuga parecia tocarmas guardava distância,cuidado, cuidadinho, ô! A paciência. A paixão”.(ESB, p146).A antítese deflagra o encontro e o desencontro, se está perto e ao mesmo tempo longe, isso autentifica de que nada adianta, haverá sempre o interdito de que a felicidade plena não está ao alcance, existem barreiras que estão arbitrárias à união.

Ferreira lembra que “a plenitude é inatingível porque o amor é proibido. Eis a estratégia do mito do amor: a conversão do impossível em interdição afim de que seja mantida a promessa de felicidade. (2004,p.8). Assim o Físico e sua ex “amante” estão fadados aos desencontros, pois há uma noção fundamental de proibição para o encontro, o Físico já se encontra casado e transpor tal barreira está além do plano material, esses são separados por uma esfera maior, ou seja, existem fatores, que funcionam como vetores, que a civilização impõe para restringir o caminho do homem, e este está sucumbido ao fracasso e ao mal- estar.

Assim se coloca em cena mais uma vez, demonstrando essa passagem o “sem grito” (EBS,p. 147) o silêncio de um querer/amor/encontro que é inatingível e que estes não “estão”, mas “são” reprimidos e condenados ao fechamento ainda maior da não concretização – a do desencontro.

4.10 desencontro como finitude

As relações ou relacionamentos do homem se apresentam de forma inevitável, e como elementos constitutivos e próprios de sua existência.

Essa existência fomenta elementos dos quais consignam em encontros e desencontros. Entretanto desencontro, ao contrário de encontro, está compreendido a finitude, pois o mesmo está num plano que diz respeito àquela possibilidade irremediável e que extingue todas as outras possibilidades.

Paes (1998, p. 70) assinala que o desencontro nos contos lygianos, se evidencia no “adiamento” ou na “frustração” de alguma problematização. Posta assim, que “A estrutura da bolha de sabão” delega dois desencontros o da vida e o da morte.

Cabe colocar aqui esse primeiro desencontro (vida) sob forma de adiamento, pois este solidifica-se não sob forma de ponto final da qual encerra a história dos dois “amantes”, mas abre a possibilidade para os seguintes encontros que se tornarão em um desencontro (morte), este já no plano de frustração.

O primeiro desencontro (adiamento) em “A estrutura da bolha de sabão”, dá-se na quebra, no rompimento, na medida em que ambos “amantes” foram desviados das situações originárias de suas vivências e relacionamentos como pode ser visto nesta passagem a intensa relação que ambos viveram:

No escuro eu sentia essa paixão contornando sutilíssima meu corpo. Estou me espiritualizando, eu disse e ele riu fazendo fremir os dedos – asas, a mão distendida imitando libélula na superfície da água, mas sem se comprometer com o fundo, divagações à flor da pele, ô amor de ritual sem sangue. (EBS, p, 146 e 147)

Assim, os acontecimentos dos fatos ocorridos propiciou na “amante” um empenho de busca por aquilo que se perdeu, tornando-se desta forma uma procura constante por aquilo que não se pode mais ter e que se desencontrou.

Este desencontro de vivências e experiências, antecipa o que estava ou iria ser determinado a absoluta impossibilidade do “encontro”, encontro este, entendido aqui como a busca pela redenção, mas que remeteria em uma finitude, pois foi através deste que os personagens foram levados aos desencontros.

O segundo desencontro, aqui visto como o da frustração (morte), encontra-se inerente a própria finitude final e não mais parcial.

Comecei a sentir falta de alguma coisa (...) mas o que estava errado ali? (...) então ele olhou lá do seu mundo de estruturas. Bolhas. Por um momento relaxei completamente (...) Sim saiu e fechou a porta. Fechou-nos. Então descobri o que estava faltando, ô! Deus. Agora eu sabia que ele iria morrer.(EBS, p.152)

Quando se fala em morte, reflete-se logo que naturalmente para uma não mais existência do plano físico, entretanto a construção de morte no conto abre-se como leque de conotações, pois aqui a morte não está restringida apenas ao plano físico, mas desencadeia sentidos que estão sobrepostos também sob outras perspectivas, ou seja, pela ausência e/ou finitude de alguma relação.

Nesta perspectiva, atribui-se um primeiro significado para esta morte no conto: a morte física da personagem masculino (o Físico), pois no conto há uma noção fundamental de que o mesmo encontra-se doente: “Ele está doente, sabia? aquele cara que estuda bolhas (...)” (EBS,p.149), assim este desencontro não deixa de ser mais uma condicionante para o interdito da ruptura, pois desencontro ocuparia nesse sentido uma resposta imediata que sustenta o impossível da felicidade e o do encontro, da experiência de cisão entre ambos “amantes”, que não ofusca a feição profunda e verdadeiramente do “real” que se torna cada vez mais gritante.

Corre-se agora para o segundo significado de morte e talvez mais dolente do que a morte física: a da realidade que impõe a ruptura, a da impossibilidade de ambos viverem uma vida juntos e de que o ideal amoroso se constitua: “Não ficamos distantes dela nem cinco minutos.” (EBS,p.149), nesta passagem observa-se que a atual esposa, possui certa insegurança para ambos “amantes” ficarem juntos, pois a mesma demonstra insegurança e ciúmes, apontando que ainda existe um certo receio em torno da situação passada com a presente, tendo em vista que para ela não deixa de ser visado e suposto como possível, não tanto um reencontro físico mas sobretudo emocional, uma vez que a mesma ainda sentia despeitos dos dois, como pode se ver nesta passagem: “Aos poucos o ciúme foi tomando forma e transbordando como um licor azul – verde, do tom da pintura dos seus olhos”. (EBS,p.148). Entretanto, é percebido que em determinado momento a atual esposa se apresenta não mais com insegurança: “E agora ela abria a porta, bem humorada

(...) Elogiou minha bolsa. Meu penteado despenteado”. (EBS, p.151), deste modo, fica evidente que algo diferente se efetuou no curso dos encontros que ambos estavam tendo:

comecei a sentir falta de algo (...) mas o que estava errado ali?(...) e voltou-se para mim, “preciso ir a casa da mamãezinha e minha empregada está fora, você não se importa em ficar mais um pouco? Não demoro muito a casa é ao lado”(....) Saiu e fechou a porta.(EBS,p.152)

Aqui o desencontro, é colocado sob forma mais radical, ou seja como finitude de tudo, finitude presente entre a barreira do real e a infinitude de um ideal amoroso que vislumbrava em remeter –se em não se sabe o que.

Aposta–sena enclausura de uma situação impossível à uma possível, do encontro que culminaria no desencontro absoluto, do passado que relutou pelo seu próprio “adiamento”, adiamento para “frustração”.

5 O CARÁTER SIMBÓLICO EM “A ESTRUTURA DA BOLHA DE SABÃO”

O conto “A estrutura da bolha de sabão” distende-se de uma expressividade simbolista e metafórica, fazendo toda diferença no que se refere á sua produção de sentidos. Seu valor está, sobretudo, por esse não apresentar uma leituramimética e transparente; percebe-se de início um processo pelo qual cria-se como enigma sem decifração, ou ergue –se como muro intransponível, a maneira ou forma com a qual se articula o significado que ali se assume mas que ao mesmo tempo transpõe uma leitura consistente do real.

Tal significado real está oposto, a maneira lógica e objetiva de transmitir ou mostrar o que assume no enredo, caracterizando-se assim pelo registro e inscrição dos símbolos, sobretudo perfilhando como dá essa construção: a da realidade transcendente a da aparência.

Desta forma se articula nessa realidade existente, compreendida aqui como uma metalinguagem simbólica, que a mesma permite ao leitor adornar um caráter multidimensional capaz de compreender o acesso hermenêutico e subjetivo em que as palavras se constituem paracorporificação dos significados que se apresentam como sentidos abstratos e não vistos até então, mas que esses, estãoencarregados de personificar também outros sentidos. “Era o que ele estudava. A estrutura, quer

dizer, a estrutura”(EBS,p.146). Esta passagem torna-se como realidade de partida para um dos sentidos que expressam o que seria esse estudo por algo tão inusitado que seria a estrutura da bolha de sabão. Telles possui esta característica, a de consignar de forma assombrosa e enigmática o giro de toda sua trama num desvio de razão para subjetividade desconcertante de sentidos.

Esse desvio leva o leitor para uma nova verdade do que está por detrás da palavra e do sentido que parece está, mas não está entendido até então.

“Eu ficava olhando seu gesto impreciso porque uma bolha de sabão é mesma imprecisa, nem sólida nem líquida nem realidade nem sonho película e oco. A estrutura da bolha de sabão, compreende? Não compreendia” (EBS,p.146). Esta passagem eleva-se para uma realidade de representação, da qual a mesma excede as fronteiras do real para se adentrar na verdade do simbólico, mas que este simbólico aflora toda verdade do real. O que seria essa bolha de sabão, que caráter a antítese constituinte nesses desdobramentos de oscilações e paradoxos deflagra? Seria o amor, ocupando esse lugar de indefinição, ou seja, que é e ao mesmo tempo não é, que se tem e ao mesmo tempo não se tem, e que se esvai antes de se chegar à uma completude refletindo apenas o nada.

Metaforizando a realidade dos conflitos amorosos de suas personagens Telles vislumbra um mundo transcendental à realidade “o mundo criado simbolicamente compete com o real (e o oposto de real não é ficção mas irreal), fazendo com que o protagonista se enrede nas malhas do tecido poético, da linguagem(...)”. (RÉGIS,1998,p.85).

Assim o conto a estrutura da bolha de sabão, possui este valor, pois o simbologismo existente é tão legítimo que rompe a barreira entre simbologia e realidade.

Pode-se dizer que o enigma da bolha de sabão desdobra-se em duas vertentes: a primeira como antes dita a do amor, ou seja, a fragilidade com que flui esse sentimento na história e a outra vertente a própria vida do físico, tendo em vista que este está doente e frágil, como pode ser visto nesta passagem: “ ‘Estou com dor de cabeça’, repetiu não sei quantas vezes. Uma dor fulgurante que começava na nuca e se irradiava até a testa, na altura das sobrancelhas” (EBS,p.148). Esse segundo elemento vai interpor essa dialética da bolha de sabão, e ao mesmo tempo desdobrá-la para um final que fica em aberto.

Essa ruptura de um sentido com relação ao outro é que traz toda beleza existente no conto, pois não se sabe se é a finitude do “amor” entre os “amantes”, ou se é a finitude da própria vida do Físico.

Em (EBS) se faz preciso como Régis salienta “desembaraçar-se do aparente da linguagem para chegar ao cerne dessa experiência” (p.87). Desta forma pode-se observar nesta passagem do conto, “Ele podia estudar a estrutura do gelo não era mais fácil? (EBS,p.147),que se assinala mais uma vez a metáfora da bolha relacionada ao amor e o Físico, pois quando a ex- “amante” direciona-se para esta expressão, mostra o quanto tais aspectos relacionados ao amor e o Físico se revelam frágeis, limitados dispendiosos e de difícil acesso, e que o “gelo” por possuir uma estrutura mais densa, suportaria os efeitos sob força e fraqueza atinente do que lhes fosse atribuído.

O deslocamento tenebroso, separa o real da realidade dos quais os “amantes” estão condicionados, ou seja, tem-se por questionamento a natureza da situação atrelada a circunstância atual.

Percebe-se que Telles constrói o conto “ABS” carregando-o por um jogo de signos e que estes, “possibilitam um novo mundo de significações, comprovando a riqueza de sua concepção criativa” Régis(1998, p.86). Assim são as especulações que fecundam em prováveis compreensões, do avesso existente no enredo.

5.1 “Nem sólida, nem líquida nem realidade nem sonho. Película e oco”:A bolha, o amor e o Físico.

A Estrutura da bolha de sabão, seria a estrutura do amor, seria a estrutura do Físico. Não se tem um acesso infundo de significados para o esclarecimento da bolha, entretanto a mesma perpassa sua importância.

No conto “A estrutura da bolha de sabão” Lygia Fagundes Telles anuncia uma condição de mistério da palavra, desenvolvendo um sentido simbólico do qual é agente de “assombro, pelo ineditismo e reflexão pela qualidade humana registrada. Sua narrativa questiona a ambiguidade do aparente para dar forma à realidade em mutação constante da consciência” (REGIS,1998,p.87)

Nessa aparência Telles intercambia os sentidos ocultos, mas que permite o leitor associar ou registrar a dinamização destes. Assim o cerne dessa dinamização

seria a bolha, da qual se distende ou possui uma estrutura imaterial (impalpável), e que isto é o que provoca desde então a inquietação, ou seja, como algo tão sem importância – a estrutura da bolha de sabão passa a ser representante de um estudo/pesquisa.

A bolha é um glóbulo de ar que se forma nos líquidos possuindo um caráter efêmero e que se esvai facilmente, ou seja, sua estrutura é facilmente quebrada, e esta quebra tem-se por consequência transformar-se em o nada e o nada seria o fim de sua existência. Assim, a metáfora da bolha de sabão no conto está envolvida por essa existência e seu fim.

Entre tantas incógnitas do estudo da estrutura da bolha de sabão seria estas algumas de suas possibilidades relevanteo amor que sucumbem esses personagens, acentuados na fragilidade e espessura do mesmo: para a atual esposa o amor se evidencia nesta passagem “o ciúme foi tomando forma”(EBS,p. 148), para ex “amante” a “única coisa inquietante era aquele ciúme”(EBS,p. 148) e para o Físico “A estrutura”- ele insistia” (EBS,p.146) quem sabe se para ele (o Físico) a estrutura do amor entre alguns dos sentidos.

Em relação aos sentimentos do Físico à ex – “amante” percebe-se que o mesmo mantém uma posição inata para o esboçamento de qualquer reação a respeito do amor: “De quando em quando me olhava interrogativo, sugerindo lembranças, mas eu sabia que era por delicadeza, sempre foi delicadíssimo” (EBS,p.152), nesta passagem se assume que o Físico não está à par dos sentimentos da ex – “amante”, dos momentos que viveram, entretanto o mesmo mantém-se numa posição de enigmatismo e suspense a respeito deste amor, não se sabe ao certo se por causa da finitude já existente ou se por causa de já se estar casado, podendo –se aferir que o físico assume também o papel de mistério, devido esta tentativa de se conhecê-lo. Pois não se sabe se este estuda um objeto (amor) perdido e que se situa para além da falta grave ou seja a perda para sempre, ou se a fragilidade de sua própria vida.

“Agora eu sabia que ele iria morrer” (EBS,p.152) se fosse possível definir ou reinventar o significado desta finitude apostaria–se pelo viés da morte física como antes dito, ou pela finitude do amor com sua antiga paixão, entretanto, essa finitude iria ser simplesmente um objeto definido, e assim o leitor não poderia observar a conturbação da dialética de sentidos existentes.

A bolha, o amor e o físico todos acoplados num único significado – o de não ter significado definido- pois se tivessem não seria tão rígida a densidade do aparente. “Ao lado um Livro aberto e que cujo título deixei para ler depois e não fiquei sabendo” (EBS,p.152) ,metaforizando esta passagem que fala de um livro aberto estão os levantamentos os significados e os caminhos e descaminhos que as judiciosas expectativas da personagem “amante”ou até mesmo do leitor levam para o significado da estrutura da bolha de sabão -não ficando sabendo-, mas movem-se para um realismo aguçado de significados e dilemas.

Para Régis (1998,p.88) a ficção de Telles “é uma prática de questionamentos da verdade aparente” e que “desvela o comportamento humano à sociedade do signo”, mesmo que desta forma “tenha que violar cruelmente a intimidade do pensamento ou afagar docemente o mais obscuro desejo”.

Nesta perspectiva tudo depende da posição levantada pelo leitor de se produzir o aspecto do fato ilusório ou o significado verdadeiro do que está oculto na palavra, como o da “Estrutura da bolha de sabão”, compreende? Não compreendendo, mas lançando-se no abismo das incertezas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura do conto “A estrutura da bolha de sabão” evidencia duas possibilidades: uma encaminhada à influência mútua da trama sob o enfoque que faz o leitor entrar em contato direto com as relações afetivas presentes, nelas firmadas em toda impossibilidade da realização perfeita da imagem idealizada: a outra dimensionada num aspecto simbólico, com feições específicas que redimensiona para outra linha de análise do texto mas não com sentidos tão excludentes.

Por esses aspectos pode-se concluir que ambos “amantes” participavam de um universo regido pela falta e que esta falta propiciou à “amante” uma busca e apego a um ideal que ligava fatos presentes a fatos passados que não se concretizou e não se concretizaria. Na simbologia existente, o conto reabilita as situações transcorridas, mas de maneiras diferentes contendo indeterminações na esfera da incerteza, mas que é concomitante a este universo que rodeava os “amantes” à falta como finitude. Assim uma volubilidade nas situações que embora

fosse intencional repassa o transcendente da aparência, do qual emerge com uma nuance que impressiona o leitor e captura com a declaração da verdade sugerida.

Deste modo, se faz satisfatória a análise sob esse alicerce narrativo, marcada por essa função de mostrar um amor sob forma de falta, a idealização de um objeto perdido, os encontros que partiriam para os desencontros e um acentuado simbologismo que deflagrou de maneira mais onírica os elementos supracitados evidenciados no conto.

Pode-se dizer que a escolha do conto se atribuiu ao encantamento pelo enigmático presente na narrativa lygiana, e esperamos que essas discussões possam instigar, na comunidade acadêmica, o valor fecundo do conteúdo ficcional de Lygia Fagundes Telles. Contudo, a partir da virtude desse conduzir significados atraentes e originais, mesmo que estes caracterizados por um angustiante caráter da vida sobretudo do amor, este representado pela privação, inacessibilidade, encontros e desencontros, finitude, idealização e falta.

Assim, a análise aqui exposta mesmo que de forma não tão abrangente, conjeturou também dentre outros significados o valor instigante do fio condutor proposto entre os dois sentidos do que seria realmente a estrutura da bolha de sabão, do que aquilo que se podiam imaginar serem dois sentidos não podiam ser separados – uma unidade indivisível que se fortalece no texto como uma lacuna não preenchida.

REFERÊNCIAS

CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA. São Paulo: Instituto Moreira Salles, n. 5, mar. 1998.

CANDIDO, A. O direito à Literatura. In: **Vários escritos.** São Paulo: Duas cidades, 1982.p.249.

_____. **Literatura e sociedade.** São Paulo :T.A.Queiroz. 2000.

FERREIRA, Nadiá P. **A teoria do amor na psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar,2004.

FREUD, Sigmont. “Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (1912). In: **Obras completas.** Volume XI. Rio de janeiro: Imago, 1972.

LAMAS, Berenice Sica. **O duplo em Lygia Fagundes Telles:** um estudo em literatura e psicologia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004

LUCAS, F. **A ficção giratória de Lygia Fagundes Telles.** Cult- revista de Literatura. São Paulo,ano II, n. 23, p.12-17, 1999

PAES, José Paulo. Ao encontro dos desencontros.In:**CADERNOSDELITERATURA BRASILEIRA,** São Paulo, Instituto Moreira Salles, n.5, mar. 1998. p. 72.

PESSANHA, José Américo Motta. Platão: As várias faces do amor. In: NOVAES, Adauto, (org) **Os sentidos da paixão.** Companhia de letras: São Paulo, 1993,p.77-103.

RÉGIS, Sonia. A densidade do aparente. In: **Cadernos de literatura brasileira: Lygia Fagundes Telles.** São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1998

RUFINO,Maria Cecília. **A Representação do Amor nos contos de Lygia Fagundes Telles.** Rio de Janeiro, 2007. 110 fls. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira)- Faculdades de Letras, Universidade Federal de do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ, Brasil. **Leituras brasileiras: itinerários no pensamento social e na literatura/** Maria Veloso Motta Santos, Maria Angélica Madeira. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

SPONVILLE, André –Comte. **Pequeno tratado das grandes virtudes.** Trad. de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins fontes, São Paulo,1995.

TELLES, Lygia Fagundes. **Pomba enamorada ou uma história de amor e outros contos escolhidos.** Porto Alegre: L&PM, 1999.

_____. **Entrevista concedida a Fábio Lucas e Manuel da Costa Pinto.** Cult-Revista da Literatura, São Paulo, ano II, n.23, p. 5-11,1999b.